

FÁBRICA DE MULHERES: OS PADRÕES DE BELEZA E SUAS REVERBERAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA MULHER CONTEMPORÂNEA

Isadora Nogueira dos Santos Montenegro¹
Clara de Paula Santana Jamil²

RESUMO

O presente trabalho busca problematizar a pressão estética e a construção de ideários de beleza para meninas e mulheres. Sendo um atributo significativo para a sociedade patriarcal, a beleza feminina é requisitada e incentivada em idade precoce para aquelas nascidas no sexo feminino, dessa forma, firmam-se padrões físicos a serem seguidos. Por meio de uma abordagem de caráter qualitativa e interdisciplinar, este trabalho dialoga com o filme “A Substância”, lançado em 2024 e dirigido por Coralie Fargeat, que trata temáticas como padrões de beleza inalcançáveis às mulheres e etarismo, e ainda, conta como interlocução teórica as contribuições de Naomi Wolf, que desenvolve que o controle estético promovido às mulheres é, na verdade, uma articulação do patriarcado em prol do desmantelamento dos ideais feministas conquistados. Numa sociedade que preza pelo molde estético de mulher jovem e magra, a promoção da beleza se firma enquanto exigência social, incentivando o auto ódio, a rivalidade feminina, além de problemáticas como uso desmedido de procedimento cirúrgicos, pílulas milagrosas de emagrecimento e/ou rejuvenescimento e distúrbios alimentares. Fundamentado por meio de perspectivas contemporâneas de estudos feministas, sustenta-se que a pressão estética é estrategicamente imposta para manter o sexo feminino disperso, ao passo que o patriarcado se mantém operante, perpetuando o corpo feminino enquanto território de dominação.

Palavras-chave: Padrões de beleza, estudos feministas, mulheres, patriarcado

INTRODUÇÃO

A humanidade sempre produziu ideais de beleza ao longo da história. O corpo enquanto vitrine fixa maior ou menor valor ao sujeito a ele constituído. Ao instituir o que é belo, precisa-se do contraponto - do que foge à norma de beleza. Sendo assim, ao produzir tais separações, os indivíduos ajustaram-se, modificaram-se por meio das tecnologias à época disponíveis.

De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres (Louro, 2003, p. 15).

¹ Pedagoga (UERJ) e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPEd/UERJ; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); isamontped@gmail.com.

² Psicóloga, Pedagoga e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPEd/UERJ e bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); psiclaraamil@gmail.com



Na Grécia antiga, valorizava-se o nu masculino e o homem deveria mostrar um corpo forte, exercitado; na Idade Média, ao contrário, o corpo não poderia ser exibido, por causa do misticismo religioso. Já no fim da Idade Medieval começou um culto pelas formas corporais. No Renascimento fazia parte da “disciplina” do corpo aristocrático saber dançar e, conseqüentemente, apresentar um corpo belo. Desse modo, percebe-se que em cada época houve um estereótipo aceitável de boa forma e beleza (Flor, 2009, p. 2).

A beleza ainda se encontra como ferramenta para ascensão ou queda na escala de valorização social. Ao possuir um determinado corpo, juízos de valor são exercidos e violências sistemáticas são legitimadas. A adequação do corpo à normatização transforma-se, então, enquanto formas de sobrevivência. As mudanças corporais para adequação perpassam a existência das mulheres e pessoas racializadas - os corpos que se distinguem do padrão ideal: homem, branco, loiro e que performa uma determinada masculinidade.

Esse modelo de beleza costuma ser o majoritariamente veiculado com admiração na mídia e, em suas mensagens, é associado à ideia de felicidade, saúde, potência em geral, isto é, sucesso social, profissional e amoroso (Pinheiro; Figueiredo, 2012, p. 125).

Para a escrita deste artigo, vamos dissertar sobre a pressão estética instituída a um grupo específico, o das mulheres, entendendo que estas são ainda atravessados por marcadores como raça e classe, visto que a beleza é associada aos fenótipos brancos e que as modificações corporais podem valer um elevado custo, então restritos, dessa forma, a uma pequena parcela capaz de financiar tais ajustes. No Brasil, pesquisas indicam que a busca pela beleza e juventude são incansáveis, mobilizando, inclusive, crianças e adolescentes. 80% dos jovens entre 18 e 25 anos indicam desejo em realizar pelo menos algum procedimento estético, sendo o Brasil o primeiro país que mais faz cirurgias íntimas no mundo e o segundo país que mais realiza botox. 55% das mulheres relatam que envelhecer no país é difícil, vide a busca incessante por uma aparência sempre jovial. No mundo corporativo, em uma pesquisa realizada com 1.448 entrevistadas entre 18 e 59 anos, 88% relataram pressão no trabalho por não estarem no peso "ideal". Sendo assim, a pressão estética se coloca enquanto problemática relevante a ser analisada, uma vez que sua manutenção é reforçada por meio das estruturas patriarcais, se constituindo como importante ferramenta para a desmobilização das mulheres. “Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega



imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza.” (Wolf, 2018,p.26). Como as mulheres vão lutar por seus direitos, se posicionar em lugares de poder e desenvolver-se intelectualmente, enquanto estão presas nas imperfeições que encontram no espelho? A preocupação em excesso com procedimentos e produtos estéticos, ocupa tempo e dinheiro preciosos, levando as mulheres a constante exaustão e a insatisfação consigo mesmas.

METODOLOGIA

O presente artigo, de abordagem qualitativa, tem como metodologia revisão bibliográfica às áreas de gênero, feminismos, interseccionalidade, etarismo e padrões estéticos. Para interlocução teórica, buscou-se diálogos com Naomi Wolf e sua obra de referência sobre a criação da beleza enquanto central na vida das mulheres e intencionalmente desmobilizadora, e com a produção cinematográfica “A Substância” (“The Substance” no original em inglês), lançado em 2024 e dirigido por Coralie Fargeat, que trouxe a tona discussões sobre etarismo e a valorização da beleza jovial às mulheres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filme “A Substância”, de 2024, acompanha a história da personagem Elisabeth Sparkle, uma celebridade que apresenta um programa de ginástica na televisão. Depois de anos de sucesso estrondoso, ao completar cinquenta anos, é demitida e recebe a justificativa de que já está muito velha para a televisão, precisando ser substituída por uma artista mais nova. Em crise de identidade, Elisabeth é apresentada a uma droga que promete ser revolucionária: A Substância, que é capaz de transformar a pessoa, temporariamente, na melhor - e mais jovem - versão de si mesmo. A protagonista usa o produto tendo, assim, sete dias para usufruir da sua melhor versão e sete dias para voltar ao corpo original. Nomeada de Sue, este alter-ego de Elisabeth é a escolhida para substituí-la em seu programa de ginástica por ser considerada mais jovem e bonita. Através desta premissa, o filme questiona brutalmente os padrões de beleza, a objetificação feminina e quais os limites na busca da perfeição, usando elementos de body horror - horror corporal, cenas grotescas que geram desconforto - para demonstrar a crueldade social imposta aos corpos e as vidas das mulheres. Questões como a rivalidade feminina legitimada pelos padrões de beleza e o etarismo são tratadas na produção cinematográfica.



A análise do filme permite a percepção de como as pressões estéticas são um meio cruel de *coisificação* da mulher. Fatores como inteligência, caráter, força e capacidade, são colocados como de menor importância diante ao peso de ser bela e de conquistar um amor romântico que reafirme que possui tal beleza. Ao associar o valor da mulher ao ideal colonial de um corpo branco, magro e jovem, se ensina às meninas que só a partir deste ideal são passíveis de serem amadas, valorizadas, desejadas e respeitadas. “Dito de outra forma: as mulheres se subjetivam na prateleira do amor. Sua autoestima é construída e validada pela possibilidade de “ser escolhida” por um homem. Essa prateleira é regida por um ideal estético (...)” (Zanello, 2022, p.61). Assim, a construção psíquica feminina é construída pela necessidade de se formar pelo olhar do outro. Sendo este outro, o homem.

Antes da libertação das mulheres, todas as mulheres, mais jovens ou mais velhas, foram socializadas pelo pensamento sexista para acreditar que nosso valor estava somente na imagem e em ser ou não notada como pessoa de boa aparência, principalmente por homens (hooks, 2019, p. 56).

A busca pela perfeição e pela validação dos homens faz com que as mulheres enxerguem umas às outras como potenciais rivais. Sentindo que precisam disputar para ser a mais bonita, a mais magra ou a escolhida por determinado parceiro romântico. O auto-ódio gera o ódio por outras mulheres e constrói a rivalidade feminina. Laços femininos são enfraquecidos pelo medo de serem substituídas e/ou superadas por aquelas que correspondem melhor ao ideal de beleza. Em “A Substância”, o ódio contra si e contra mulheres, é representado através da fragmentação da protagonista. Dividindo uma mesma consciência e com corpos que são interdependentes, Elisabeth e Sue brigam brutalmente pelos dias em que habitam o corpo original e o corpo “melhorado”. É uma luta interna, de autoexterminio, corporificada pela presença de duas versões de si.

A ausência de um sistema de valores baseado no amor leva as mulheres a continuamente fazer da percepção da aparência o principal fator para a autoestima. (...) Com amor, somos capazes de celebrar corpos saudáveis, colocando a beleza e os adornos no seu devido lugar. Quando as mulheres direcionam a busca por amor ao próprio corpo, podem coletivamente criar uma revolução cultural na qual a conexão fundamental entre amar seu corpo e ter amor-próprio será óbvia. (hooks, 2024, p. 153).

Os movimentos feministas, para gerarem mudanças em prol a equidade de gênero, dependem da união das mulheres na luta pela libertação das violências da misoginia. Mas, para isso, precisam vencer a enorme barreira do auto-ódio que as



colocam uma contra as outras. “Se uma mulher ama o próprio corpo, ela não inveja o que as outras mulheres fazem com o delas. Se ela ama sua feminilidade, lutará por seus direitos.” (Wolf, 2018, p.212-213). Uma revolução social só é possível aprendendo a se amar, reconhecendo nosso valor como algo muito maior do que um ideal padrão de beleza física.

O patriarcado se alimenta da insatisfação feminina, tornando-as desunidas e enfraquecidas e o capitalismo se alimenta dos gastos desenfreados em cosméticos, cirurgias, procedimentos e roupas. O amor é a fonte que pode voltar a nutrir nossos corpos e nos posicionarmos contra os sistemas de opressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Legitimados pela cultura, os padrões de beleza são comumente naturalizados enquanto normas socialmente aceitas de serem seguidas e reforçadas. Mobilizando procedimentos de modificação, rivalidade entre as mulheres e a valorização da juventude, tal normatividade é maléfica para as mulheres uma vez que as desmobilizam enquanto grupo político, sendo instrumento favorável a manutenção do patriarcalismo. O filme “A Substância” se encontra enquanto uma produção relevante da contemporaneidade por apontar a apreciação exacerbada da beleza como prejudicial às mulheres, e Wolf é revolucionária por apontá-la como estratégica aos interesses de perpetuação do domínio masculino em detrimento às mulheres.

Os padrões estéticos atuam enquanto um mecanismo de controle social, reforçando desigualdades de gênero e minando a autoestima dos corpos femininos. Estão longe de serem neutros e, por isso, faz-se imprescindível a geração de discussões que promovam a libertação das mulheres da necessidade de normatização estética. Dessa forma, é relevante suscitar debates que busquem a elevação da autoestima e bem-estar das mulheres, e para além disso, práticas de amor entre as mesmas.

REFERÊNCIAS

BLUESTUDIO / ESTADÃO. *Procedimento estético e desejo de 80% dos jovens, diz estudo*. Bluestudio / Estadão, [s. l.], 2025. Disponível em: <https://bluestudio.estadao.com.br/agencia-de-comunicacao/releases/releases-geral/procedimento-estetico-e-desejo-de-80-dos-jovens-diz-estudo>. Acesso em 5 Set 2025.

BRANDNEWS. *Pressão pela eterna juventude: estudo revela que 55% das mulheres consideram o envelhecimento difícil no Brasil*. BrandNews, [s. l.], 31 jul. 2023. Disponível em: <https://brandnews.com.br/noticia/10517/pressao-pela-eterna-juventude-estudo-revela-que-55-das-mulheres-consideram-o-envelhecimento-dificil-no-brasil>. Acesso em 3 Set 2025.



FLOR, Gisele. CORPO, MÍDIA E STATUS SOCIAL: reflexões sobre os padrões de beleza. Revista de Estudos da Comunicação, [S. l.], v. 10, n. 23, 2009. DOI: 10.7213/rec.v10i23.22317. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22317>. Acesso em: 12 set. 2025.

LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HOOKS, bell. Comunhão: a busca das mulheres pelo amor. São Paulo: Elefante, 2024.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

O GLOBO. *Peso é o maior motivo de pressão estética sofrida por mulheres no ambiente corporativo, aponta pesquisa*. O Globo – ELA, 12 jun. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/noticia/2024/06/12/peso-e-o-maior-motivo-de-pressao-estetica-sofrida-por-mulheres-no-ambiente-corporativo-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em 10 Out 2025.

PINHEIRO, M. C. T.; FIGUEREDO, P. da M. V. Padrões de beleza feminina e estresse. Revista CADE, [S. l.], v. 11, n. 1, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cade/article/view/4909>. Acesso em: 15 out. 2025.

WOLF, Naomi. O mito da beleza. Rosa dos Tempos, 2018.

ZANELLO, Valeska. A prateleira do amor: Sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris: 2022.

